

AMBIENTE James Alcock, autor de estudo que prevê sumiço da floresta em 50 anos, diz que projeção 'poderia ter sido mais precisa'

Cientista dos EUA não conhece Amazônia

LEONARDO CRUZ

DE LONDRES

Se nada for feito, em 15 anos a floresta amazônica terá sofrido danos irreparáveis e poderá desaparecer em até 50 anos. Essa foi a tese apresentada nesta semana em um congresso de geologia na Escócia pelo norte-americano James Alcock, professor de ciências ambientais da Universidade do Estado da Pensilvânia desde 1989.

Detalhe: Alcock nunca esteve na Amazônia, e seu estudo foi feito com base em dados publicados em revistas científicas, como a "Nature" e a "Science". O professor chegou ao resultado após fazer projeções matemáticas consi-

derando um índice fixo de devastação de 1% ao ano.

Em entrevista à *Folha*, por telefone, Alcock admitiu que sua projeção sobre o desmatamento da floresta "poderia ter sido mais precisa". "Faltaram alguns dados como o grau de sensibilidade da floresta a alterações dos índices pluviométricos", afirmou o pesquisador. Segundo ele, o trabalho apresentado em Edimburgo surgiu como projeto para uma das aulas de seu curso de geociências na universidade americana.

Questionado sobre se publicaria o trabalho em alguma revista científica, Alcock respondeu: "Estou tentando, mas, como não sou um especialista em floresta ama-

zônica, ainda não obtive sucesso".

Doutor em geologia pela Universidade da Pensilvânia, James Alcock é um especialista em petrologia (estudo de pedras) e tem artigos publicados em jornais e revistas geológicas, mas nenhum específico sobre a Amazônia.

"Minha intenção ao apresentar essa projeção é estimular pesquisas nessa área. É também um apelo às autoridades para que sejam tomadas medidas enérgicas para frear o desmatamento."

Com esse levantamento, Alcock espera desenvolver novos trabalhos sobre a Amazônia e quer ir à floresta para poder conduzir pesquisas de campo.

A projeção apresentada pelo

pesquisador ganhou repercussão na mídia. O jornal escocês "The Scotsman" publicou texto com o título "Floresta amazônica se aproxima de ponto sem volta". A rede britânica BBC também fez reportagem apresentando a teoria de Alcock, mas a tese era contestada por Philip Stott, professor de biogeografia da Universidade de Londres. Stott definiu o estudo de Alcock como "simplista".

No Brasil, o Ministério da Ciência e Tecnologia também condenou o estudo de Alcock.

Catástrofe amazônica

Não é o primeiro estudo a fazer previsões catastróficas. No último ano, dois estudos feitos por pesquisadores do Brasil e dos EUA, publicados na "Nature" e na "Science", faziam previsões negativas sobre o futuro da floresta após a implantação dos "eixos de desenvolvimento" do Avança Brasil, o megaprograma de infraestrutura do governo federal.

Um deles, publicado em janeiro na "Science" pelo grupo do americano William Laurance, do Impa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), afirma que 42% da floresta poderiam ser destruídos até 2020 em consequência da pavimentação de rodovias prevista no Avança Brasil.

O governo rechaçou prontamente o trabalho. O Ministério da Ciência e Tecnologia, ao qual o Impa é vinculado, classificou-o de "futurologia ecológica". Mas o Ministério do Planejamento, responsável pelo Avança Brasil, contratou uma revisão do estudo de impacto ambiental dos eixos, que deveria ficar pronta este ano.

O congresso de Edimburgo, que começou na segunda e termina hoje, é organizado pela Sociedade Geológica da América e pela Sociedade Geológica de Londres e conta com a presença de cerca de cem estudiosos do setor.

